

## FUNDAÇÃO AGA KHAN - Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano K'CIDADE

Sandra Almeida

Directora

### Resumo

A estratégia da Fundação Aga Khan (AKF) tem entre os seus objectivos o combate à pobreza e exclusão social em contexto urbano. Neste quadro a AKF criou, promoveu e implementou em 2004 o Programa para o Desenvolvimento Comunitário em Contexto Urbano K'CIDADE (Capacidade) ([www.kcidade.com](http://www.kcidade.com))

Um dos princípios basilares do K'CIDADE consiste na profunda convicção de que todas as pessoas, independentemente de quem são, de onde vêm ou do seu nível de escolaridade ou de qualificação, detêm saberes, capacidades, competências - tantas vezes ocultas - as quais podem ter um papel na mudança positiva da sua vida e na vida das comunidades em que residem. Por esse motivo, as pessoas das comunidades urbanas em que o K'CIDADE intervém, são participantes efectivos nos processos de diagnóstico e de desenvolvimento da acção. E é nesta junção entre o urbano (da cidade) e da valorização das capacidades das pessoas que nasceu o nome e logotipo K'CIDADE. O nome encerra: Capacidade e Cidade. Por isso se lê "Capacidade".

### Abstract

The strategy of Aga Khan Foundation (AKF) has among its objectives struggle against poverty and social exclusion in urban context. In the frame of this vision, the AFK designed and implemented in 2004 the Programme for Urban Community Development K'CIDADE (Capacity) - ([www.kcidade.com](http://www.kcidade.com))

One of the pillars of K'CIDADE is a profound conviction that all persons, whoever they be, have knowledge and skills - often hidden - that can contribute to a positive change in their lives and in the communities where they live. For this reason, K'CIDADE seeks to explore this source for development, bringing together Capacity and City. The name and the logotype includes two concepts: Capacity and City. For this reason it reads in Portuguese "Capacidade" (Capacity).

## A Fundação Aga Khan e a Rede Aga Khan para o Desenvolvimento

A Rede Aga Khan para o Desenvolvimento foi criada por Sua Alteza o Príncipe Aga Khan há mais de 40 anos. É constituída por 9 agências diferentes.

- O Fundo Aga Khan para o Desenvolvimento Económico
- A Fundação Aga Khan
- A Agência Aga Khan para a Micro-Finança
- Os Serviços Aga Khan de Educação
- Os Serviços Aga Khan de Saúde
- A Universidade Aga Khan
- A Universidade da Ásia Central
- As Academias Aga Khan
- O Fundo Aga Khan para a Cultura

Todas as instituições que integram a AKDN operam no sentido de melhorar as condições de vida e o acesso a oportunidades de populações em algumas das regiões mais pobres, do mundo em desenvolvimento. As organizações da AKDN têm mandatos individuais que abarcam desde os campos da saúde e educação à arquitectura, ao desenvolvimento rural e à promoção do empreendedorismo. Juntas, colaboram num trabalho que tem um objectivo comum criar instituições e programas que possam responder, com continuidade, aos desafios resultantes das mudanças sociais, culturais e económicas.

A Fundação Aga Khan (AKF), uma das agências da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento é uma agência privada internacional de desenvolvimento, vocacionada para o apoio às comunidades mais vulneráveis, independentemente da sua origem étnica, género, religião ou convicção política. Tem como objectivo contribuir para a criação de novas oportunidades e para a melhoria das condições de vida das pessoas em situação de maior desvantagem social e económica, promovendo soluções criativas e eficazes para problemas que inibem o desenvolvimento. A AKF está sediada em Genebra, tendo afiliadas na Ásia Sul e Central, Médio Oriente, África Sub-Sahariana, Europa e América do Norte.

A Rede Aga Khan para o Desenvolvimento (AKDN) conta com uma presença activa de várias décadas aqui em Portugal, tendo iniciado a sua actividade precisamente através da Fundação Aga Khan Portugal, desde 1983, tendo sido em 1996 oficialmente reconhecida como uma Fundação Portuguesa. Em Dezembro de 2005 foi celebrado com

o governo português um protocolo de cooperação que estabelece a base de trabalho conjunta dirigida à melhoria da qualidade de vida não apenas da comunidade Ismaili a residir em Portugal, mas também da comunidade em geral, com ênfase nas pessoas a viver em situação de maior desvantagem social, especialmente, imigrantes e minorias étnicas. Esse protocolo prevê um conjunto de iniciativas realizadas em parceria em áreas relacionadas com a inclusão social e com a educação. São exemplos disso, para além das iniciativas em torno das questões da inclusão e inovação social e da educação e desenvolvimento de infância já em curso, a perspectiva de fixação em Portugal:

- da Agência Aga Khan para a Micro-Finança - outra das Agências da Rede Aga Khan para o Desenvolvimento;
- da Rede de Academias Aga Khan, de que a Academia de Mombassa, no Quênia, é um exemplo, a que se seguirão brevemente outros na Índia e em Moçambique. Visa proporcionar e expandir o acesso a uma educação de qualidade, baseada em standards internacionais de excelência valorizando o mérito e não o nível sócio-económico dos alunos, especialmente em África e na Ásia. A Academia Aga Khan em Portugal será provavelmente a única a instalar-se no mundo Ocidental.
- do Fundo Aga Khan para a Cultura, com um projecto de reabilitação do legado patrimonial histórico e cultural de inspiração islâmica, no Algarve.

O mandato da AKF tem vindo a orientar-se de forma cada vez mais premente, para o fortalecimento da sociedade civil, o trabalho com imigrantes e a promoção da inclusão social, da diversidade e do pluralismo. Neste aspecto, Portugal não é excepção. Uma das dimensões da estratégia programática da AKF em Portugal tem-se centrado no combate à pobreza e exclusão social em meios urbanos - contexto no qual surgiu, em 2004, o **K'CIDADE - Programa de Desenvolvimento Comunitário Urbano** ([www.kcidade.com](http://www.kcidade.com)).

## O que é o K'CIDADE (lê-se “Capacidade”)?

Um dos princípios basilares do K'CIDADE é a profunda convicção de que todas as pessoas, independentemente de quem são, de onde vêm ou do seu nível de escolaridade ou de qualificação, detêm saberes, capacidades, competências - tantas vezes ocultas - as quais podem ter um papel na mudança positiva da sua vida e na vida das comunidades em que residem. Por esse motivo, as pessoas das comunidades urbanas em que o K'CIDADE intervém, são participantes efectivos nos processos de diagnóstico e de desenvolvimento da acção. E é nesta junção entre o urbano (da cidade) e da valorização das capacidades das pessoas que nasceu o nome e logótipo do K'CIDADE. O nome encerra: Capacidade e Cidade. Por isso se lê “Capacidade”.

O K’CIDADE é o contexto em que pessoas movidas por uma vontade forte de “fazer a diferença” em comunidades urbanas em crise, partilham sonhos, ideias, experiências e fazem as coisas acontecer. O recente evento “**FERMENTO: COMUNIDADES EM CRESCIMENTO**” ([www.eventofermento.com](http://www.eventofermento.com)) realizado a 15 e 16 de Outubro de 2011, foi disso exemplo: 18 projectos que resultam de dinâmicas da sociedade civil foram apresentados envolvendo mais de 100 voluntários e 320 participantes, residentes em zonas urbanas em crise, na Grande Lisboa.

### **Alguns exemplos de capacitação, fortalecimento da sociedade civil, construção da autonomia, acção colectiva e valor social**

Eis algumas experiências do K’CIDADE ilustrativas das dinâmicas que poderão fazer a diferença na construção da autonomia das pessoas e das comunidades.

A aposta na (auto)descoberta e da “conscientização” e na expressão de saberes e de interesses e do papel destes nos processos de construção dos projectos de vida, da emancipação e da capacidade para a acção colectiva, são aspectos centrais da filosofia do Programa K’CIDADE e estão na origem de sessões de trabalho com os residentes nas comunidades locais. Trata-se portanto de um Programa que se define em termos do seu papel na activação e no fortalecimento da capacidade das pessoas para a acção individual e colectiva, a partir das suas experiências e da sua visão da realidade, em prol da melhoria das suas condições de vida e das da comunidade onde residem. Alguns exemplos de dinâmicas em curso que nasceram de projectos pensados, planeados e levados a cabo por grupos de pessoas com interesses e/ou dificuldades comuns:

- De um grupo de pais e mães a uma dinâmica de apoio a famílias;
- De um grupo de imigrantes a um espaço comunitário plural;
- De um território de “má fama” à valorização dos seus “tesouros”

#### **HISTÓRIA 1: De um grupo de “Mamãs e Papás” a uma Loja Comunitária**

A Alta de Lisboa situa-se na zona Norte da cidade. Ali confluem 2 freguesias, a do Lumiar e a da Charneca, com características muito diferenciadas. Convém referir que se trata de um território que junta um projecto especial de realojamento com edifícios de “venda livre”, ambicionando aproximar não apenas pessoas de diferentes classes sociais mas também, pessoas provenientes de diferentes “bairros” degradados, com as suas próprias identidades e pertenças territoriais, bem demarcadas e assumidas (a musgueira norte, a musgueira sul, a quinta grande, etc...)

Depois do diagnóstico das necessidades sentidas pela população da Alta de Lisboa, (através de um Diagnóstico de Necessidades das Famílias realizado pelo programa

K'CIDADE), e com o apoio na retaguarda por parte da equipa do K'CIDADE, um grupo de moradores dos edifícios PER e da “venda livre” mobilizou-se para conviver, partilhar experiências e procurar soluções para as questões que sentiam que os afectavam não apenas como moradores na Alta de Lisboa, mas também, como mães e pais das crianças residem no “bairro” (sic). Assim nasceu o Grupo de Mamãs e Papás da Alta de Lisboa.

Face ao diagnóstico, o grupo definiu a sua missão em torno de 3 iniciativas:

- Estimulem e organizem encontros temáticos de partilha de saberes (num espírito de entre-ajuda e suporte);
- Constituírem-se enquanto grupo de trabalho que luta pela melhoria das infra-estruturas educativas (grupo de pressão e acção para a melhoria das condições das escolas públicas do território);
- Dinamizem uma “loja” de trocas de artigos de criança, uma vez que muitas famílias não têm condições económicas que permitam investimento na aquisição de artigos novos;

Foi assim que surgiu a loja comunitária “Entre Nós” (assim foi baptizada pelos próprios). A ideia entretanto evoluiu para um sistema de troca de artigos e serviços, mediado por créditos, numa lógica de economia solidária.

### Como funciona?

Se uma pessoa levar um conjunto de peças que deseja doar, adere à Loja Comunitária e torna-se “membro”. Troca os itens que levaram por créditos. Posteriormente poderá trocar esses créditos por bens (peças de vestuário, brinquedos) ou por serviços (shiatsu, reparação do computador, arranjo das unhas). Por sua vez esses prestadores de serviços que ofereceram o seu trabalho voluntário, em troca receberam créditos que poderão então converter em bens e assim sucessivamente. Existe uma tabela que faz a valoração dos bens e serviços, em termos de créditos, a qual foi elaborada pelo conjunto de pessoas do grupo das “mamãs e papás” que dinamiza a loja comunitária.

A loja não tem uma localização específica. “Abre” duas vezes por mês em locais diversificados, desde a escola primária, a uma associação local. O armazenamento do stock tem sido feito em espaços cedidos por voluntários (por exemplo uma garagem...) embora comece a representar um problema que urge solucionar por que o stock está em “ascensão”.

Adicionalmente, tem também uma dimensão formativa em áreas-chave para a comunidade, onde se inserem temas como o consumo responsável, a gestão do orçamento familiar e a poupança. Mais recentemente, verificando que muitas das roupas

doadas não se encontram em condições de poderem ser utilizadas, o grupo organizou-se e criou um “clube de costura” que converte itens em más condições, em novos produtos (chapéus, malas, novo vestuário)

Ora, toda esta dinâmica foi imaginada e levada a cabo pelos moradores. Temos aqui uma iniciativa colectiva, que implicou um investimento organizado de esforço por parte dos diferentes stakeholders, que gerou valor socialmente reconhecido, quer para cada indivíduo, quer para o colectivo. O papel do K’CIDADE, foi o de facilitador da dinâmica que mobilizou aquelas pessoas em torno de um desígnio comum.

## **HISTÓRIA 2 - De uma congregação de fé a um espaço comunitário plural**

A Tapada das Mercês é um território da freguesia de Algueirão Mem-Martins, no Concelho de Sintra. Trata-se de uma urbanização tipo “dormitório” com cerca de 18.000 habitantes. Cerca de 37% (a crescer) da população da Tapada é imigrante de varias origens (23 nacionalidades) incluindo grande número de pessoas oriundas de países africanos não lusófonos, imigrantes de 1ª geração. Trata-se de uma população essencialmente jovem (26,2% da população tem entre 0-14 anos). 9% de famílias são monoparentais (cerca de 500 famílias). Muitas pessoas vivem em situações economicamente frágeis, com encargos mensais muito elevados face aos rendimentos (encargo com habitação entre 400-600 Euros para rendimentos médios superiores a 600 Euros).

Durante o ano de 2008, a equipa K’CIDADE da Tapada das Mercês, sinalizou uma comunidade que se reunia várias vezes ao dia, para fazer as suas orações, numa garagem convertida em mesquita. Tratava-se de pessoas imigrantes, oriundas de países tais como a Guiné-Bissau, a Guiné-Conacri o Senegal ou o Paquistão. Foi detectado naquele grupo, uma vontade enorme de sair do seu isolamento e de fazer algo em prol da comunidade residente na Tapada. Essa vontade deu origem a um projecto de fortalecimento da capacidade para a acção individual e colectiva, através de processos de capacitação e de formação em contexto, dia-a-dia, com os líderes emergentes, tendo em vista descobrir ou reforçar competências de planeamento, organização, mobilização de recursos, gestão, etc. E com esta dinâmica foi-se definindo a missão, a visão e as etapas de operacionalização de um projecto comunitário protagonizado por aquele grupo de pessoas empreendedoras, que veio a consubstanciar-se na constituição de uma associação e na disponibilização de uma oferta de actividades abertas a toda a comunidade, que inclui apoio escolar para crianças do 1º, 2º e 3º ciclo, animadas por voluntários, designadamente, da C. M. de Sintra, sessões de prevenção em parceria com a polícia de proximidade, no âmbito da “Escola Segura”, formação em TIC, apenas para citar algumas.

Este processo de fortalecimento e de capacitação organizacional da Associação, facilitado pela equipa do K'CIDADE, foi também o ponto de partida, no ano lectivo de 2008/2009, para o arranque de aulas de alfabetização e de “Português para Todos” e para sessões de promoção de competências parentais, entre outras actividades. Aliás, através de uma parceria com a escola EB 2,3 Visconde Juromenha, na Tapada das Mercês, que solicitou ao Ministério da Educação o destacamento de professores de alfabetização e de português língua estrangeira, tem sido possível implementar estas iniciativas de aprendizagem ao longo da vida, de forma sustentável.

O protagonismo nos processos de mobilização de recursos foi assumido pelos membros da Associação. Mais uma vez o papel do K'Cidade consistiu no apoio de retaguarda.

### **HISTÓRIA 3 - De um território de “complicado” à valorização dos seus “tesouros”**

Um dos parceiros estratégicos da Fundação Aga Khan é a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Aderiu, desde o primeiro momento, ao Programa e alocou uma equipa ao trabalho comunitário, na freguesia da Ameixoeira, perto da Alta de Lisboa.

Trata-se de um território tido como “problemático” e “complicado”, desde logo pela proximidade a espaços e bairros de má fama. Também, porventura, mercê da concentração de populações carenciadas, de diferentes proveniências e com características culturais e étnicas diversificadas, sem rotinas de convívio. Curiosamente, ainda preserva algumas características socioculturais e vivências que nos transportam para memórias de uma certa ruralidade. O tecido associativo que existe poucas vezes privilegia a intervenção local, o comércio e serviços de proximidade são virtualmente inexistentes e a rede de transportes públicos directos é francamente insuficiente. O grande desconhecimento acerca da freguesia da Ameixoeira: sua localização, história, património (edificado e cultural) e interesse paisagístico; e a perda do sentido de comunidade por parte das pessoas realojadas, ao criar-se artificialmente uma outra com grande diversidade a vários níveis, não tem sido encarada como uma oportunidade para inverter esse cenário.

Os aspectos referidos podem ser definidos como desafios na medida em que incorporam potencialidades a nível local (Inversão de Paradigma: os problemas como soluções). Entre os desafios e os recursos deste território emerge o Projecto de Valorização do Património da Ameixoeira.

O facto de ainda persistirem na freguesia muitas áreas não construídas que se apresentam como terrenos baldios poderia, à primeira vista, ser uma desvantagem. O que é certo é que estes terrenos baldios, cheios de ervas, pedras e lixo, estão também cheios de fósseis facilmente observáveis e de interesse geológico comprovado pelo Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências da UL. Era preciso tornar este

facto relevante para a mudança da representação negativa do território, promovendo-o e associando-o a ideias novas e a coisas positivas. Portanto, esta ideia de que há muito mais num território do que se vê à primeira vista, é crucial. Na Ameixoeira este aspecto espelha-se aos mais variados níveis: Arquitectónico (Quintas e parte velha da Ameixoeira); Natural (fauna, flora) Cultural (proveniente da junção de várias culturas) e, aquilo que foi literalmente a pedra de toque deste projecto, o património Geológico: fósseis.

A abordagem baseia-se no entendimento de que a cultura (enquanto património passível de ser valorizado) e a inovação social se alimentam mutuamente, para a promoção e afirmação de uma determinada comunidade no exterior. Este é, portanto, um projecto que aposta no marketing territorial, numa área urbana que toma partido das potencialidades do território - da própria terra em que os edifícios estão construídos - para promovê-lo dentro e fora da comunidade.

O projecto implementará progressivamente actividades em diferentes domínios, explorando a plenitude do potencial endógeno da comunidade: turismo cultural, através de percursos pedestres temáticos onde a população local pode assumir o papel de guia; educação, envolvendo as escolas locais em actividades lúdico-pedagógicas; empreendedorismo e economia social, através da activação de uma micro-economia de base local associada ao conceito e às actividades do projecto e; no domínio científico, promovendo a Ameixoeira enquanto espaço academicamente relevante no estudo das associações de fósseis marinhos e da geologia da região de Lisboa e dinamizando actividades de divulgação científica para o público em geral. Desde o primeiro momento, este é um projecto partilhado que vive da participação e contribuição de todos os stakeholders, na forma e no conteúdo.

Estamos, pois, perante uma dinâmica de aproveitamento das potencialidades do património local para a criação de dinâmicas endógenas de desenvolvimento territorial e para a reconstrução de uma identidade própria, que poderá devolver à população um novo sentido de comunidade e um motivo de orgulho. E é algo que não é imposto, que não é estranho porque é construído de dentro e isso permite uma identificação com a realidade. Estamos, pois, perante “o caldo primordial” para o desenvolvimento, para o empreendedorismo, para a capacitação.

### **MAIS HISTÓRIAS:**

- As Comunidades Auto-Financiadas
- O Núcleo Empreendedor Lig@te
- Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa

O K'CIDADE está agora a fazer algumas “incurções” por experiências bem interessantes, como é o caso das CAF - comunidades auto-financiadas, numa parceria liderada pela Stone Soup e que envolve parceiros como a Fundação Montepio, a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, a Fundação EDP entre muitos outros. Trata-se de testar e implementar uma metodologia que permita, a comunidades de escassos recursos, a criação e gestão de um fundo comum, alimentado pelos próprios, a que cada individuo poderá recorrer, retirando um abono solidário (“empréstimo”), em situações de crise, despesas imprevistas, etc.

Um outro exemplo, também em curso, é o Lig@te. Trata-se de uma parceria pública e privada, informal, que nasceu há cerca de 2 anos, na Ameixoeira, a qual tem vindo a criar uma dinâmica de capacitação e promoção do espírito empreendedor (lato sensu) junto das pessoas das comunidades ou de outras pessoas cuja acção empreendedora reverta a favor do território. Esta dinâmica é apadrinhada por um conjunto de empresários (do sector privado com fins lucrativos) que actuam umas vezes como “madrinhas” e “padrinhos” dos potenciais empreendedores (aconselham, orientam, formam), outras vezes disponibilizando estágios para orientação profissional ou para formação em contexto.

Uma outra história é uma dinâmica relativamente recente, também na Alta de Lisboa, protagonizada por um grupo de moradores da venda livre e do PER, tendo em vista a requalificação dos espaços desaproveitados da Alta, designadamente através da criação de hortas comunitárias cuja produção reverterá para consumo próprio, com impacto na economia das famílias mais carenciadas, visando ainda a implementação de um sistema de comercialização (de proximidade) do excedente criando uma forma de complementar os magros rendimentos de muitas famílias.

Outras actividades da Associação para a Valorização Ambiental da Alta de Lisboa (AVAAL) são:

- a) conservação da natureza, defesa e valorização ambiental e do património construído;
- b) criação, gestão e manutenção de espaços e infra-estruturas verdes urbanas;
- c) formação ambiental, desenvolvimento local e mercado social de emprego;
- d) ecologia cívica, participação pública e educação ambiental.

## **À guisa de conclusão: Construir a autonomia**

Os participantes nestes projectos parecem ser pessoas cada vez mais conscientes do seu papel, isto é, agentes de mudança que criam valor social nas comunidades em

que vivem, conscientes de que ao contribuir para o bem colectivo estão também a beneficiar a si mesmos.

Entendemos que construir a autonomia é construir a aprendizagem ao longo da vida e é desenvolver a capacidade empreendedora. É criar o palco para a expressão e desenvolvimento de saberes e para emancipação dos oprimidos. Por sua vez, empreender é accionar e agir a capacidade para a acção individual e colectiva, em benefício de todos. E é precisamente nesta ideia que reside o paradigma de base do K’CIDADE: através da mobilização e reforço de capacidades, procura-se aumentar a auto-confiança das pessoas, dos grupos e da comunidade, e incentivar e apoiar a sua participação no desenvolvimento local, configurando os alicerces para o processo de capacitação e, conseqüentemente, de mudança. O papel do K’CIDADE é de facilitador, mediador de aprendizagens e, por vezes, o de catalisador.

O K’CIDADE não tem soluções “chave na mão” para a promoção da inclusão social, do emprego, do empowerment e da mudança comunitárias. Nem nos parece que elas existam. O paradigma do emprego por conta de outrem não estará gasto? Na presente conjuntura, treinar pessoas para que empregos?

Temos verificado, porém, que:

- a) por um lado há formas de estruturar e de interligar o esforço colectivo (incluindo o do sector empresarial / empregador e do sector da educação e formação de adultos) aproximando as pessoas das oportunidades que efectivamente se vão identificando;
- b) vale a pena investir no desenvolvimento de competências-chave - sobretudo pessoais, sociais e transversais (de planeamento e de gestão) - cuja utilidade é transversal à vida das pessoas e que têm valor em termos de empregabilidade

No entanto, parece-nos que a capacidade de gerar rendimentos, nas comunidades urbanas em crise, tenderá a depender cada vez mais da iniciativa empreendedora (*lato sensu*) e das oportunidades locais. E isso exige dinâmicas de capacitação para a acção colectiva e de animação dos territórios.